

Sobre águas, lugares, gentes e identidades: literatura e história na Amazônia acreana

Francisco Bento da Silva¹

Resumo: A Amazônia de uma maneira geral e as populações que nela vivem sempre estiveram em grande medida identificadas com o “mundo das águas”. É uma relação dual e constante. Ora a água é vista como excessiva, perigosa, fonte da vida, destruidora e adversária do elemento humano e suas obras. Noutra ela é fonte de vida, substancia necessária para os afazeres alimentares, de higiene, atividades laborais e até militares, bem como meio de transporte fundamental aos sujeitos amazônicos. No Acre iremos encontrar diversos canais de expressão onde as águas irão aparecer dentro da ótica acima descrita: são romances, jornais, relatórios oficiais, músicas, memórias e obras historiográficas. Neste artigo tenho como objetivo discutir as imagens, discursos e relações de identidades que homens e mulheres, reais e ficcionais, constituem com o mundo das águas, notadamente os rios em seus regimes de cheias e vazantes quando afetam vidas de milhares de pessoas que residem em cidades e vilas constituídas social e historicamente às margens desses mananciais de água.

Palavras-chave: Águas. Amazônia. Identidades. Espaço.

Introdução

As águas volumosas dos rios daquilo que vai ser grafado pelo olhar eurocêntrico como “Novo Mundo” foi, juntamente com a floresta tropical e os povos nativos, um dos elementos mais impactantes desses contatos “inaugurais” estabelecidos a partir do final do século XV e os posteriores. Os cronistas ibéricos deixaram referências diversas sobre o primeiro rio que impactou seus olhares e andanças exploratórias pelas terras tropicais da América meridional. Esse aspecto é tão singular, que se torna metonímia para pensar não somente este “rio mar”, mas a própria região chamada mais tarde de Amazônia. O futuro rio Amazonas e os seus tributários tornam-se, desde o início da conquista as avenidas líquidas que aos pouco vão sendo conhecidas de espanhóis e portugueses ao “descobrirem” rotas e singrarem-nos através de embarcações muitas vezes improvisadas nos primeiros séculos de contatos, quando começam o processo de domínio e colonização daquilo que vai ser nomeado de Amazônia (UGARTE, 2009).

¹ Doutor em História pela UFPR, professor Adjunto III da Universidade Federal do Acre – UFAC, lotado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH e com atuação no Mestrado de Letras: Linguagem e Identidade – PPGLI\UFAC.

O rio por excelência desse processo de incorporação discursiva, material e simbólica vai ser o rio *das Amazonas*, principal artéria fluvial e teatro maior ao formar ao longo do seu curso as primeiras zonas de contatos entre nativos e europeus, “civilizados e bárbaros”, cristãos e comunidades “sem religião”. Em fins do século XVIII e boa parte do XIX, os rios amazônicos serão as vias que transportam também os homens de ciência, os chamados naturalistas, que irão inserir a região nos preceitos da ciência moderna e racionalista de matriz eurocêntrica (TOCANTINS, 1973; HEMMING, 2011). Descobertas científicas, se agregam às descobertas coloniais anteriores.

É também em meados do século XIX que em grande parte da região pan amazônica começa a corrida pela extração do látex vegetal, algo que atrai milhares de homens adventícios que são deslocados de várias partes dos países da região e de outras partes do mundo para realizarem a ocupação e exploração de diversas áreas onde a presença dessa matéria prima se mostrava opulenta, algo que colocou definitivamente a região na ótica da exploração do capital mercantil (WEINSTEIN, 1993).

Todas essas aventuras, com destruição ambiental, humana e deslocamentos forçados de populações indígenas, teve em grande medida os rios da Amazônia como caminhos fundamentais para a ocupação dos espaços “vazios”, abertura de seringais cujas sedes ficavam geralmente nas margens de rios. Eles são os elementos de comunicação com o mundo “civilizado”, redes de trânsito de gentes e mercadorias em ritmos frenéticos de lucros, explorações, dizimações de nativos, misturas e apagamentos de línguas, relações hierárquicas e de poder nas sociedades que vão se formando de maneira improvisada e impulsiva.

Desta forma a Amazônia, brasileira em particular, é decantada como expressão dessas idiosincrasias humanas e naturais que tem em grande medida relação intrínseca com os rios, os igarapés, os furos e as águas das chuvas. Águas em abundância que provocam transbordamentos dos rios, que invadem seringais, vilas e cidades. Ausência delas que provocam secas e impossibilitam, em certas épocas do ano, o acesso a determinadas regiões da Amazônia, além de outras consequências que as águas ou sua falta provocam nas formas de vida socioeconômica que foram se estabelecendo nesta região.

As águas como objeto de sensibilidades

Essa relação do homem com as águas amazônicas é duradoura e carregada de múltiplos sentidos: líricos, místicos, temeridade, esperança, inconstância e tantos outros. Euclides da Cunha, por exemplo, não ficou indiferente ao rio Amazonas quando esteve na região no início do século XX a serviço da Comissão de limites formada por brasileiros e peruanos. Para ele o caudaloso rio não era construtor da nacionalidade, pois carregava pelo seu leito de águas turvas toneladas de sedimentos jogados ao mar. Tinha suas margens destruídas pelo fenômeno da pororoca e das terras caídas, de forma periódica e constante. Havia na sua percepção uma natureza volúvel, em formação geológica, instável e não preparada para receber o homem (CUNHA, 2000).

O fato é que as primeiras sociedades amazônicas adensadas em forma de vilarejos e que darão origem às primeiras cidades, ocorrem em localidades próximas aos rios. Os rios são os elos de comunicação, facilitadores de contatos com outras localidades mais distantes interligadas por esses caminhos aquáticos, os “caminhos que andam”. A vida cotidiana, desta forma tem uma intensa relação material e simbólica com essas ramagens hidrográficas onde esses povoados inaugurais irão se situar.

Uma entre tantas dessas vilas amazônicas é Rio Branco, no Acre, que até 1920 foi sede do Departamento do Alto Acre. Aglomerado “rurbano”² dividido em dois distritos que ao longo do século XX serão carregados de representações em obras historiográficas, literárias, jornais e relatórios³. O jornal *Folha do Acre*, em 15 de janeiro de 1911, traz na sua primeira página um poema intitulado *Acre*, com três partes: *enchente*, *vazante* e *seca*. Os três elementos realçados no poema são significativos para a discussão que iremos aqui realizar. Sua autoria é de Nylo Guerra⁴. O Acre do título é o rio. Vejamos então cada uma das partes.

Acre

ENCHENTE

Anunciando a grande e formidanda enchente,

² A expressão parece ser originalmente criada por Gilberto Freire, que em 1956 profere palestra em Recife e usa esse neologismo para se referir aos aspectos de fronteiras indeterminadas da capital pernambucana. Ver: TOCANTINS, 1973, p. 61.

³ No campo literário, destacam-se as obras *A represa*, de Océlio Medeiros (1942) e *Certos caminhos do mundo*, de Abguar Bastos (1934). Sobre o discurso da modernidade e progresso, temos a dissertação de Sérgio Roberto Gomes de Souza (2002), intitulada *Fabulas da modernidade: a utopia modernista de Hugo Carneiro*.

⁴ Em várias edições do jornal *Folha do Acre* na década de 1910, Nylo Guerra publica diversos poemas com temáticas variadas. Segundo este jornal, Nylo Guerra era advogado, agrimensor e orador oficial da prefeitura do Departamento do Alto Acre na administração do major Deocleciano Coelho de Souza.

*Que a terra alaga e inunda, em flocos desce a espuma,
Amarelenta e farta; e a água cresce e avoluma,
Reboja, ondula e vem, vertiginosamente!*

*Varre o rio o balseiro, arranca a samauma,
A Envira, o cedro, a urana e arrasta-os na corrente,
Como um bruto Titã, de pulso onipotente,
Que a força soberana em si toda resuma!*

*Cessa a vida a vida na mata! E, na tosca morada,
Descansa, quem, por lá, sangrando a cepa de ouro,
Foi sempre o despontar da clara madrugada!
A subir e a descer, passa o barco a silvar,
E, onde, há pouco era terra, é fundo ancoradouro,
Em que mil naus de guerra ferros podem dar!*

A VASANTE

*Vai o rio vasar!...Ele, há pouco, gigante,
De alma e supremo alento, exuberando em vida,
Agora é, em seu leito, um grande agonizante,
Que, a murmurar, desprende a triste despedida.*

*A água farta, aos bulhões, se exauriu num instante,
Dos seus mananciais!... A praia, embranquecida,
Surge e surge o barranco, e surge, verdejante,
E o herbário, e, alegre, volta o seringueiro à lida!*

*Descobrem-se bateis, aqui e ali, sepultos,
Despedaçados contra os imergidos vultos,
Enormes, colossais, das arvores caídas!*

*Na orla extensa da praia, as garças refletidas,
Na água tranquila e clara, espreitam, com saudade,
Do rio, agora morto, a excelsa majestade!*

SECA

*Rola a medonha seca!... o sol é todo brasas,
E indomito é o verão! A terra é uma fornalha!
Mirra-se a flor na mata; o campo se amortalha,
E as aves já não vão na água roçar as asas!*

*Puxada a sirga, a ubá, de pouco a pouco, encalha,
E encalha a igarité, por essas águas rasas,
Onde os raros peraus são cavernosas casas,
Da serpe que nos faz em funeral migalha!*

*Na praia já não viça a verdejante messe;
E nela passa o vento a modular na área
Um sussurrante som que as almas entristece!*

*Cantando um réquiem, passa o passaredo em magua,
Pelos altos grotões, em cujo fundo ondeia,
Num bronco e imenso esquife, um esqueleto d'água.*

As três partes do poema representam os três ciclos do regime das águas que caracterizam a grande maioria dos rios da Amazônia. Enchente, vazante e seca são mais que aspectos da natureza, são etapas que marcavam e ainda marcam os modos de vidas daqueles que habitavam e habitam próximo às margens dos rios da região.

No início do poema de Nylo Guerra já percebemos a anunciação da enchente, com as águas barrentas e caudalosas do rio Acre se avolumando e inundando áreas que antes eram de terra firme. Esse rio, na pena do poeta, tal qual um titã da mitologia grega, vai arrancando árvores de suas margens que são levadas pelas águas e dando origem ao fenômeno dos *balseiros*. Próximo dali ou no centro das matas, o seringueiro em tempos de inverno interrompe o corte de seringa e se dedica a outros afazeres, tais como limpar as estradas de seringa, coletar castanhas e caçar visando a alimentação e venda de peles. É a natureza ditando o ritmo de vida laboral e social dos homens amazônicos, segundo o autor do poema em tela. Inverno também é narrado como o tempo das chegadas e partidas de navios de porte avantajado, *mil naus de ferro* que durante o verão não transitavam pelos rios da região devido o leito destes não suportarem o calado dessas grandes embarcações.

A vazante é descrita poeticamente como uma agonia do rio, que definha de tamanho, imponência e força. É quase a morte de um rio que vai ficando raquítico e sem grandeza. Tal qual as veias do corpo animal, cujo líquido vital ao se esvaír denuncia fraqueza. Mas o rio, ao ir embora boa parte de seu portentoso volume, deixa à mostra as praias que poderão servir para plantação na areia e em seus barrancos verdejantes. O tom idílico do poema se completa com a referência à volta alegre dos seringueiros ao trabalho de extração da seringa em suas colocações, junto com as garças que aproveitam a placidez das águas rasas para se alimentarem à vontade da fartura de peixes.

Na vazante, a baixa das águas permite ver embarcações encalhadas nos anos anteriores. Por imprudência ou desconhecimento dos seus condutores acerca do regime das águas dos rios, marcado pelo inverno e verão amazônicos e a formação de bancos de areias traiçoeiros até para o mais experiente piloto. Verão que está associado a estiagem, ou seca, que se sucede logo após ao fenômeno da vazante. Esta é a última parte do poema de Nylo

Guerra. A imagem é infernal, de morte e vida difícil diante das paisagens ressequidas e aves que já não vão às águas banhar-se como antes. A tristeza humana é marcante durante a seca e até mesmo os elementos da natureza são antropomorfizados pelo poeta: o vento traz sussurros tristes, pássaros passam cantando réquiens diante de um rio esquelético e quase morto, hibernando até o próximo inverno.

Um rio estranho: O olhar de Bastos, Medeiros e Pia Vila

Ainda no campo poético, muitas décadas depois de Nylo Guerra, o cantor acreano Pia Vila gravou uma música intitulada *Rio estranho*, composta no final da década de 1970 em parceria com Felipe Jardim e Romerito Aquino. O próprio título já remete ao estranhamento em relação ao rio no olhar dos autores. No entanto, este rio chamado de Acre se assemelha a muitos outros da Amazônia, pois é cheio de curvas e barrancos, torto e distante do mar. Um rio que no inverno sempre alaga os bairros mais antigos e que foram se formando ou se ampliando, em grande medida, pela intensificação migração campo cidade a partir da década de 1970 quando muitos seringueiros e posseiros foram expulsos das terras onde viviam havia muito tempo. (ALMEIDA NETO, 2004).

Rio Estranho

(Música de Pia Vila, Felipe Jardim e Romerito Aquino)

*Acre, rio estranho,
cheio de curvas e barrancos.
Um rio torto que não vê o mar.
Um rio torto que não vê o mar*

*Mais que nunca, no inverno,
tuas águas vão rolar:
enche Bahia, Cadeia Velha, Cidade Nova
Aeroporto, Seis de Agosto e Palheiral.*

*Me ensina a viver, pra ver o tempo passar
e no barranco vou ficar a te mirar.
Me ensina a viver pra ver o tempo passar
e no barranco vou sentar e recordar.*

*Faz teu povo te considerar.
Ensina teu povo lutar e amar.*

Há na letra da música a promessa humana de saudade futura, de relação de afeto e carregada de pedagogia na sua parte final, pois o rio ensina a viver. O rio é o mestre para os homens: através da mirada a partir do barranco, rememora-se o passado. Passado, que tal qual o rio pode ser cheio de vivências ou esvaziado delas. Transbordante de emoções ou escasso de sensibilidades, inclusive com o próprio rio que a todo instante recebe dejetos, fica poluído e mal cuidado. E o clamor final, “faz teu povo te considerar”.

Nas décadas de 30 e 40 temos duas obras literárias singulares, pois trazem à cena alguns aspectos relacionados à vida em *margens*. Na primeira delas, *Certos caminhos do mundo*, de Abguar Bastos (1936), a cidade de Rio Branco tem sua identidade e moralidade marcada pelos dois distritos apartados\ligados pelo rio. O segundo distrito (Empreza) é o espaço da orgia, da bebedeira, da prostituição, de drogas como a cocaína e da desordem. Já do outro lado, Penápolis, centro administrativo, reinaria o recato, respeito, ordem e moralidade. Mas as duas partes da cidade, tão opostas se complementavam. Uma não existia sem a outra. As personagens principais são, cada uma, de um dos lados da cidade: Sólon, de Penápolis; sua grande paixão, a desregrada e viciada Rubina é de Empreza. Mas o amor de Solon não consegue endireitar Rubina, ele decide então partir levando-a embora do Acre. A fuga pelo rio representa a desesperança com o lugar, com as relações impossíveis e a tentativa de felicidade em outras paragens. Mas a tragédia se encerra com a traição de Rubina na embarcação e o naufrágio no rio após saírem de Rio Branco, quando “Solon arrancara-a da terra bárbara mas logo a perdera” (p. 251). Sobrevivem do naufrágio nadando até a praia de areia, a cocaína dos rios nos dizeres do autor, mas sem futuro e felicidade possível entre ambos.

Em *A Represa*, de Océlio Medeiros (1942), a narrativa inicial se passa no decadente Seringal Iracema. Seu proprietário, coronel Berlamino resolve vendê-lo e se mudar com a família para Rio Branco. O caixeiro do seringal é o prestativo Antonico, apaixonado pela filha do coronel, chamada Santinha. O amor platônico é distanciado, quando Antonico parte para Belém no intuito de estudar agronomia bancado pelo coronel Berlamino.

O que precipita a mudança para a capital é a alagação que atinge a sede do barracão do seringal, as barracas dos moradores e as plantações agrícolas que gradativamente iam substituindo a exploração da borracha. Seringueiros iam cada vez mais se tornando agricultores do Iracema. Mas, durante as “duas semanas que estava chovendo sem parar. Os agricultores, das suas barracas, acorados na cozinha, olhavam o céu cheios de medo. Pensavam nas ultimas colheitas fora do tempo, achando mais suave o flagelo dos bichos, das

saúvas e das terras cansadas. O rio continuava a encher. Quanto mais chovia, mais água tomava” (MEDEIROS, p. 99). Enche tanto que arrasa os roçados, arrasta barracas e destrói a sede do outrora pujante seringal Iracema.

A alagação foi tão intensa que o prefeito envia socorros aos desabrigados do Iracema, da mesma forma que vinha agindo em relação às outras áreas atingidas, inclusive na cidade. Muitos são abrigados na penitenciária pública e “o prefeito pedira um crédito especial ao ministro da justiça” (idem, p. 102). A elite da cidade se mobiliza em atos de caridade, quando Dona Alaíde, esposa de um dos membros da recém criada *Comissão de Socorro aos Flagelados da Cheia*, “organizava festas para angariar donativos. As moças, em grupinhos, com o Felipinho à frente, entravam nas lojas, pedindo gêneros” (ibidem).

Rio Branco, para onde a família do coronel se muda é vista na perspectiva do isolamento já presente no título da obra: represa humana, igapó de gentes. O rio Acre é um rio sem destino, que banha uma cidade atrasada e sem futuro e que busca uma saída que nunca chega, que não existe (idem, p. 108). Tal como na obra de Bastos, Medeiros também vê uma Rio Branco cindida pelo rio, algo que dá particularidades a cada um de seus lados. Ele usa a metáfora de dois meninos, que representariam cada um dos distritos: o menino levado, que vive na rua, sem cuidados é Empreza; o menino certinho, limpinho e respeitador é Penápolis.

Nas duas obras, o rio é um elemento central para pensar a cidade, seus personagens, diversões, ritmos de vidas, anseios, desesperanças e desencontros. Quem cruzava a cidade de um lado para o outro, através das catraias, não tinha como passar incólume às idiossincrasias que cada lugar tinha. Uns liberavam seus instintos reprimidos pela moral quando saiam do primeiro para o segundo distrito; outros, se chocavam com a liberalidades ali presentes. No trajeto inverso, o recato e o respeito eram exigidos ao se chegar no espaço onde estavam situados os órgãos administrativos e de poder, bem como as residências das “famílias de bem”, autoridades e demais honrados moradores. Océlio Medeiros finaliza a passagem sobre a alagação de maneira poética e dramática as tramas envolvendo os homens e o rio Acre, ao dizer que “o rio, separando os dois temperamentos, parece uma permanente censura, um velho experiente, de barbas compridas, que gosta de dar conselhos às crianças” (idem, p. 109). O tempo que dimensiona o velho e o novo é entre o rio e os homens. O experiente tempo geológico e o infante tempo humano.

Os jornais reverberam as enchentes

No dia 03 de março de 1915, o Conselho Municipal aprovou um Decreto do Intendente do município de Rio Branco onde este autorizava a Fazenda Nemaia a transferir de suas terras situadas no Segundo Distrito para o Primeiro Distrito, devido a alagação daquele anos, o gado de sua propriedade destinado ao consumo público. Porém, ficava proibida a circulação dos animais na área central da cidade, próximo ao palácio do governo departamental e da rua do comércio⁵. A desobediência ensejava o pagamento de multa vultosa, mas o poder público concede a esta fazenda, originalmente pertencente ao “fundador” da cidade, Neutel Maia, a prerrogativa de deslocar para a parte alta da cidade, do outro lado do rio, seu plantel de gado voltado para abastecer o pequeno mercado consumidor local. Mas poucos tinham condições de comprar carne verde, a maioria da população se alimentava de enlatados, carne seca ou de animais silvestres. Alguns anos antes, em 1898, o padre francês Jean Baptiste Parrissier já percebera o quanto raro era o consumo de carne bovina fresca na região acreana, ao afirmar que “no Alto Juruá comer carne de boi é um luxo que só os ricos podem pagar” (PARRISIER, 2009, p. 10). Parece-nos que o prefeito estava mais interessado em garantir a alimentação de carne bovina desses poucos que podiam pagar e eram abastecidos pela fazenda de uma das figuras mais importantes da localidade, amigo de poderosos da pequena Rio Branco e que mantinha negócios com o poder público.

As festas populares, como o carnaval, também tem relação – mesmo que indireta - com o fenômeno das águas. Por ocorrer durante o período de final do inverno na região, às vezes sua realização foi adiada, reduzida ou aconteceu em meio aos transtornos existentes com o fenômeno da alagação. Em 2015, nos municípios acreanos de Feijó e Tarauacá a festa carnavalesca foi cancelada pelas respectivas prefeituras devido ao transbordamento dos rios que banham aquelas duas cidades e o decreto de calamidade pública em ambas.

Um ano antes, em 2014, algo semelhante aconteceu em Rio Branco (AC) e Porto Velho (RO), quando os rios Madeira e Acre transbordaram e alagaram muitos bairros e o centro histórico das duas capitais. No caso do Acre, a prefeitura e o governo do estado cancelaram o carnaval oficial que aconteceria na Arena da Floresta e só foram realizadas as festas nos bairros, de forma descentralizada. Contudo, as autoridades prometeram um carnaval fora de época logo que os transtornos da alagação fossem minorados. Vejamos o que disse o governador do Acre à época: “Faremos essa festa no mês de maio. Aproveitaremos os

⁵ Jornal *Folha do Acre*, nº 190, de 07 de março de 1915, p. 03.

dias 1, 2, 3 e 4 para promover o carnaval fora de época, com o objetivo de compensar esse significado cultural e econômico, social e de alegria, do qual o povo tem direito também”⁶.

Mas o carnaval de 1920 ocorreu em pleno inverno amazônico e em Rio Branco não passou incólume aos olhares da imprensa. Podemos afirmar isso a partir de uma pequena nota publicada no jornal *Folha do Acre*⁷ cujo fragmento diz: “alagação e mesmo a mais tremenda chuva do mundo absolutamente não impedirão que ali [*Majestic Club*] se brinque até pela madrugada em rodopiante e mais exqu岸itas danças com milhões de esguicho do perfumoso ‘Rodo’ e prisões sem conta em correntes de serpentinas”.

O clube certamente era um espaço restrito para a elite local, pois o próprio nome já remete ao pretensu bom gosto. Espaço fechado e acessível aos que podiam pagar ingresso, mesas e bebidas caras. E usarem inclusive sem parcimônia, como o jornal quer fazer crer, o lança perfume Rodo (produzido pela Rhodia), ainda sem a composição com éter e tão comum durante muito tempo nos carnavais brasileiros até ser proibido no governo Janio Quadros em 1961. Uma propaganda da época, publicada na imprensa carioca, atestava que era um perfume de fina flor, de luxo. Não sabemos como os pobres brincaram o carnaval de 1920 em Rio Branco, mas certamente não foi no *Majestic Club* e o fazendo uso do “perfumoso Rodo”.

⁶ <http://www.agencia.ac.gov.br/noticias/acre/governo-e-prefeitura-anunciam-mudancas-na-programacao-do-carnaval>, acesso em 13 de junho de 2015.

⁷ Jornal *Folha do Acre*, nº 300, de 14 de fevereiro de 1920, p. 02.



FONTE: http://www.rioquepassou.com.br/andredecourt/wp-content/imagens/1140362232_f.jpg, acesso em 15 de junho de 2015

Mas não era só em Rio Branco que as águas de inverno causavam transtornos. O mesmo jornal *Folha do Acre*⁸, de 1918, reproduz matéria do jornal *Alto Purus*, de Sena Madureira, então sede administrativa do vizinho Departamento do Alto Purus. A chamada é “Sena Madureira inundada”, onde se narram os estragos provocados pelo que seria a segunda enchente em três anos na zona rural e urbana do município. O transbordamento dos rios Purus, Macauã, Caeté e Yaco é realçado na reportagem, que compara aquele momento com outra grande enchente ocorrida em 1915. Ressaltam-se as perdas materiais, destruição de plantações e morte de animais. E por fim, afirma-se que a população espera o pior com a chegada de doenças como reumatismo, pneumonia e malária. Verão e inverno, seca e cheia, muita água, pouca água, tudo isso influenciava essas comunidades gestadas nas margens dos

⁸ Jornal *Folha do Acre*, nº 227, de 28 de fevereiro de 1918, p. 02.

rios amazônicos e como implicações no comércio, administração, festas, saúde da população, escassez alimentar e outras dificuldades.

Vejamos, dois anos antes, uma entrevista do prefeito do Departamento do Alto Purus, Avelino Chaves, dada ao periódico carioca *Jornal do Commercio* e publicada no jornal *O Alto Purus*:

É preciso lembrar que de Manaus a Rio Branco, capital do Acre, de novembro a abril, na época da enchente, a viagem se faz de 15 a 18 dias; porém, na vazante, se gastam nada menos que 30, 35 dias e até 40 dias ou mais, conforme as condições. Na vazante é feita: primeiro, num vapor ou gaiola grande, depois em gaiolas menores que chegam até Boca do Acre, depois em lanchas e, finalmente, em canoas simples ou canoas especiais de motogodille⁹.

Percebe-se o quão eram difíceis as viagens, a partir de Manaus ou Belém, com destino às zonas mais afastadas da Amazônia como é o caso do Acre. O tempo gasto mais que dobrava, havia diversas baldeações realizadas para embarcações de menor porte, mais adequadas ao volume de água dos rios. Como consequência, ocorriam aumento de custos das passagens e fretes. Existia ainda a escassez de alguns produtos em períodos de estiagem, que elevava os preços no varejo para o consumidor final. Malgrado as alagações de áreas dos diversos povoados que margeavam os diversos rios amazônicos, o inverno era visto como período de maior oferta de produtos vindo de outros centros; de viagens mais baratas, rápidas e constantes. No romance *A Selva*, de Ferreira de Castro, esse momento é ficcionalmente narrado desta maneira: “tudo era festa em volta dos gaiolas iluminados na noite tropical. Vinham cartas de famílias distante, cotações da borracha, novidades de outras bandas, objetos supérfluos e novo sortimento de bebidas. Saía-se do coração das brenhas só para se ver o barco”. E os que ficavam nos centros, a ter notícias dele, vibravam como se tratasse da aparição do Messias (CASTRO, 1934, p. 251).

Em pleno século XXI, os rios quando transbordam afetam ainda muito da vida cotidiana de milhares de habitantes das cidades amazônicas. Em 2014, com o transbordamento do rio Madeira, o estado do Acre ficou sem comunicação com o resto do país pela BR-364, rodovia por onde chega a grande maioria de tudo que se consome no Acre. Se fechamento provocou escassez de diversos produtos da cesta básica, preços se elevaram e uma das soluções foi importar alguns produtos do vizinho Peru, através da chamada Rodovia

⁹ Jornal *O Alto Purus*, nº 388, de 19 de março de 1916, p. 02.

Transoceânica. Os rios não são mais a rota comercial e de transporte prioritárias, a velocidade do avião, caminhão e da comunicação via tevês, internet e telefones se impôs à grande maioria das populações amazônicas.

Os rios, onipresentes e tão incensados em toda a Amazônia pelo historiador Leandro Tocantins (1973), no Acre ganham o epíteto de despóticos. Escrevendo em fins da década de 1940 sua obra inaugural, ele aponta que as vias fluviais transversais roubavam o tempo dos homens locais. E o Acre submetido às dificuldades das distancias só vencidas por longos caminhos líquidos, teria sempre seu progresso atravancado. A solução para ele estava na mudança do modelo econômico extrativista e na ligação rodoviária e aérea da região acreana internamente e com o restante do país (op. cit., p. 144).

Considerações finais

Leandro Tocantins, em seu celebrado livro *O rio comanda a vida*, fala de forma poética que são nas margens dos rios que situam as avenidas líquidas, os caminhos que andam, as veredas de energia vital que possibilitaram a ocupação da Amazônia e o processo de exploração econômico pautado no extrativismo e os modos de vidas daí resultantes (TOCANTINS, op. cit, p. 279).

Para este autor, o homem e o rio são por excelência os agentes privilegiados da geografia humana na Amazônia. É o “rio enchendo a vida do homem de motivações psicológicas, o rio imprimindo á sociedade rumos e tendências, criando tipos característicos na vida regional” (idem, p. 280). Assim, as identidades e as culturas forjadas e em permanentes construções são atravessadas pelas relações com o “outro”, com os “iguais”, com os animais, com as plantas, com a terra e com as águas.

Pacheco (2009) ao estudar a região do Marajó (PA) também reflete sobre uma cartografia do poder das águas sobre as vidas cotidianas dos marajoaras ainda em pleno século XXI. Modos de vidas foram e são marcados desde muito pelo movimento das marés, das enchentes e das vazantes dos rios daquela região que deixaram marcas impregnadas em práticas culturais diversas das muitas comunidades, vilas e cidades ali existentes (idem, p. 43).

E ainda hoje, pensar a Amazônia e aqueles que nela vivem, traz essas particularidades de longa duração, muitas vezes pouco percebidas. Mas são marcas geradoras de práticas

diversas no campo político, religioso, urbanístico, econômico, social, festivo e das lendas. Do real e do imaginário envolvendo os fenômenos do inverno e verão na região.

Bibliografia

ALMEIDA NETO, Domingos José de. **Aos trancos e barrancos: identidade, cultura e resistência seringueira na periferia de Rio Branco (1970/1980)**. Rio Branco: Edufac, 2004.

BASTOS, Abguar. **Certos Caminhos do mundo: romance do Acre**. Rio de Janeiro: Harsen editores, 1934.

CASTRO, Ferreira de. **A selva**. Moura Fontes editor: Rio de Janeiro, 1934.

CUNHA, Euclides. **Um paraíso perdido: reunião de ensaios amazônicos**. Coleção Brasil 500 anos. Brasília: Senado Federal, 2000.

DEL PRIORE, Mary & GOMES, Flávio. (org). **Senhores dos rios: Amazônia, margens e histórias**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

HEMMING, John. **Arvores de rios: a história da Amazônia**. São Paulo: editora Senac, 2011.

MEDEIROS, Océlio. **A Represa: romance da Amazônia**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1942.

LEONARDI, Victor Paes de Barros. **Os historiadores e os rios: natureza e ruína na Amazônia brasileira**. Brasília: Paralelo 15, 1999.

PACHECO, Agenor Sarraf. **En el corazon de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas**. Tese de doutorado. PPHIS-PUC\SP. São Paulo, 2009.

PARRISSIER, Jean-Baptiste. “Seis meses no país da borracha, ou excursão apostólica ao Rio Juruá, 1898”, pp. 01-60. In CUNHA, Manuela Carneiro da. (org.). **Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá**. Rio de Janeiro: Museu do Índio, 2009.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: mudanças de atitudes em relação às plantas e aos animais (1500-1900)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973.

UGARTE, Auxiliomar Silva. **Sertões de bárbaros: o mundo natural e as sociedades indígenas na Amazônia na visão dos cronistas ibéricos – séculos XVI/XVII**. Manaus: Valer, 2009.

WEINSTEIN, Barbara. **A borracha na Amazônia: expansão e decadência (1850-1920)**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Hucitec, 1993.

